

HOLLY BOURNE

Autora Bestseller de *Isto Só Acontece nos Filmes*,
Já Sou Normal? e *Será Que o Amor É Isto?*



«Provocando gargalhadas constantes, Holly Bourne demonstra como as diversas lutas do dia a dia afetam a confiança das raparigas.»

The Guardian

Para todas as raparigas que fazem
o CORRETO,
e não o que é MAIS FÁCIL.



O MOMENTO-CHAVE



u m

Nem sequer ia de minissaia.

Um pensamento ridículo. Completamente ridículo.

Mas depois, enquanto derramava lágrimas grossas e pesadas e feria de raiva, não parava de pensar...

... eu nem sequer ia de minissaia.

Se querem mesmo saber o que eu levava vestido e assim perceberem que fui a vítima nisto tudo, digo-vos que ia com umas calças de ganga normalíssimas e uma camisola rendada. CALMA, porque toda essa renda sexy estava COMPLETAMENTE ESCONDIDA por baixo do casaco. Por isso, a menos que os pervertidos da carrinha tivessem visão de raios-X, e paremos um minuto para dar graças por não terem, eu não estava a usar nada de especial que pudesse provocar o que aconteceu naquele dia.

Que foi o seguinte...

Eu ia a correr para a escola porque já estava atrasada devido a uma discussão monstruosa com os meus pais a propósito do Meu Futuro. É uma coisa habitual. Estão obcecados com o Meu Futuro, mas essa alteração em concreto tinha sido bastante desagradável. Por razões que

ninguém conhece, nem eu, a briga acabou comigo a gritar, «Meditem sobre ISTO!» e a agarrar a virilha. Ato contínuo, bati com a porta nas suas caras de espanto e corri rua abaixo, à beira das lágrimas.

Estava frio e não se via uma única nuvem no céu naquele bonito dia de outubro. Contudo, a luz dourada do sol não tinha o menor efeito na temperatura. Ia quase em passo de corrida, em parte por causa do atraso e em parte para manter o calor corporal.

Vi a carrinha ao dobrar a esquina.

Os dois tipos com pinta de trabalhadores das obras sentados nos bancos dianteiros repararam imediatamente em mim. Miraram-me através do para-brisas. A maneira como olharam para mim provocou-me logo uma sensação estranha no estômago.

A intuição feminina dizia-me: *vai-se passar alguma coisa*.

Não, isso é treta. Não é intuição feminina. Não sou adivinha, tenho apenas uma vasta experiência em assédio sexual, como quase todas as raparigas que se atrevem a ir a sítios a pé.

A carrinha estava estacionada do meu lado do passeio, o único lado pavimentado daquela tranquila rua residencial. Parei por segundos, avaliando as minhas opções. Pressenti sarilhos, mas tinha de passar pelo veículo, embora não apreciasse a forma como olhavam para mim. Como se devesse ter vergonha...

Posso estar enganada, pensei. Um deles tinha idade para ser meu pai. Quiçá estivessem apenas a olhar inocentemente através do vidro. Talvez não houvesse perigo. E porque estava exausta e ia sozinha e já estava aborrecida por causa de tudo aquilo que acabei de te contar, não passei diante deles com a minha habitual confiança.

Desviei o olhar por instinto, fingi que não me observavam, tapei mais o peito (já completamente oculto) com o casaco e estuguei o passo.

Estava a aproximar-me da carrinha. Continuava a notar os olhos deles colados em mim, mas estava quase lá. E «quase lá» significava que quase tinha passado por eles... e... ia correr tudo bem... ia correr tudo

bem... e, fosse como fosse, era de dia e podia sempre gritar, mas não ia precisar de gritar porque ia correr tudo bem e tinha certamente imaginado que aqueles tipos das obras eram piores do que eram na verdade e... e... e...

... e então a porta da carrinha abriu-se.

Estaquei. A porta aberta bloqueava o passeio. O homem mais novo estava a sair devagar e eu levantei a vista rapidamente, assustada. O que os levava a abrir a porta? Ouvi uma porta a bater e estremeci. Era a outra porta da carrinha, porque o outro tipo também decidira sair. Virei a cabeça nessa direção e vi-o contornar o capô, aproximando-se de mim. Era careca, velho e tinha a cara vermelha como se tivesse passado toda a vida a beber demais.

Tinha um dos homens à minha frente e o outro atrás. Estava encurralada. Mal tinha espaço para os contornar.

Aquele que me impedia de avançar foi o que falou primeiro.

— Estás muito sexy com esse batom vermelho — disse ele, com um tom de voz tão esfomeado que estremeci e recuei.

Ah, sim. Esqueci-me de vos dizer que tinha os lábios pintados de vermelho. AGORA JÁ É CULPA MINHA?

O tipo inclinou-se para a frente, e ficou quase colado à minha cara, não me dando outra escolha que não fosse olhar para ele. Era mais novo do que o outro e os pelos faciais mais pareciam penugem.

O careca que estava atrás de mim juntou-se à conversa.

— Puseste-o especialmente para nós, não foi, querida? Gostamos. Gostamos muito.

O meu coração batia tão depressa que temi que entrasse em combustão. Já respirava de forma brusca e entrecortada. Do outro lado da estrada estava um homem no seu jardim, a tirar as flores murchas de uma planta. Olhei-o desesperada, pedindo-lhe ajuda em silêncio, mas ele fazia de conta que não me via.

— Que se passa, querida? Não falas connosco porquê?

— Eu... — gaguejei. — Eu...

— És tímida? As miúdas tímidas não pintam os lábios assim.

O mais jovem voltou a avançar para mim; já não tinha espaço para me mover. O hálito dele tresandava a qualquer coisa doce, como se tivesse bebido *Red Bull*. Olhei em redor, aflita, e medi a olho o espaço que o rodeava para calcular se passava.

Vi uma oportunidade e aproveitei-a.

Abri caminho à força, empurrando-lhe os braços para cima ao mesmo tempo que corria rua abaixo o mais depressa que conseguia. Os meus pés batiam no pavimento com toda a força e o coração parecia querer sair-pela boca. Iriam perseguir-me? Era de dia.

— PROVOCADORA — gritou um deles.

Fui bombardeada com insultos. Corri e corri, com a certeza de que me seguiriam. Convencida de que aquilo ainda não tinha terminado.

— VÁ LÁ, QUERIDA, ERA SÓ UM ELOGIO.

— CABRA MAL-EDUCADA.

O ar frio magoava-me a garganta e os pulmões. O meu estômago queria esvaziar-se. Tremia tanto que mal conseguia correr em linha reta.

Não ouvia os passos deles atrás de mim. Quando cheguei ao fundo da rua, atrevi-me a olhar por cima do ombro.

Vi os dois homens apoiados na carrinha. Riam. Estavam dobrados sobre si próprios com as mãos nos joelhos e riam como crianças.

E, enquanto me esforçava por segurar as lágrimas que borbulhavam dentro de mim e que tinham ficado alojadas na garganta, pensei:

Nem sequer ia de minissaia.



dois

O meu dia foi de mal a pior.

Entrei na sala mesmo a tempo e passei toda a aula de Política e Economia a choramingar, quase incapaz de me concentrar. Tremia-me a mão que pegava na caneta e tomei notas que não faziam sentido. Revivi a cena na minha cabeça. A forma como me tinham olhado. O que sentira ao perceber que me tinham barrado o caminho.

Enquanto a professora falava num tom monótono sobre as falhas do nosso sistema eleitoral de maioria simples, eu sentia uma miríade de emoções.

Vergonha, como se a culpa fosse minha; por usar o maldito batom, só porque combinava com a mala e, até àquela manhã, sempre me fizera sentir mais feliz.

Vexame, por permitir que a atitude deles me afetasse tanto. Era como se os trolhas me tivessem arrancado a roupa e exposto o meu corpo para toda a vizinhança ver.

Medo, de voltar a encontrá-los ali no regresso a casa...

E ira pura e fervilhante. Contra eles. O que os levava a pensar que podiam tratar-me daquela maneira? E aquele homem não me ajudara

porquê...? Mas também sentia raiva contra mim própria... Lottie, por que raio não gritaste e devolveste os insultos? Que tipo de cobardolas és tu?

Quando a aula terminou, fui diretamente para a cantina, onde se reunia o meu grupo de estudo de Filosofia. Alguns de nós foram para a fila das batatas fritas, como era nosso costume. Por essa altura já tinha parado de tremer, mas continuava com todas aquelas emoções às voltas dentro de mim.

— Ei, Lottie. — A Jane aproximou-se com um batido no tabuleiro.
— Estás bem? Pareces nervosa.

Devolvi-lhe o sorriso. A Jane era uma velha amiga da Evie, uma das minhas duas melhores amigas. Naquele último ano do secundário tinham-nos posto novamente na mesma aula de Filosofia e estava finalmente a ganhar a minha simpatia depois de umas quantas tentativas falhadas.

— Estou bem... — menti. — Preparada para a divertida deontologia?
A Jane suspirou e passou a mão pela nova madeixa cor-de-rosa.

— Estou preparada para que me ajudes a entendê-la.

Saudei o Mike com um aceno de cabeça, assim como os outros que já se tinham posto na fila atrás de nós enquanto avançávamos passo a passo em direção à secção da comida quente. Elevei-me na ponta dos pés para avaliar o estado das batatas fritas.

— *Blhec* — disse em voz alta. — Já estão a chegar ao fim do tabuleiro. Detesto as batatas fritas do fundo do tabuleiro. Estão sempre moles e frias.

— Talvez alguém à nossa frente as peça primeiro — lembrou a Jane.

— Esperemos que sim, Jane. Esperemos que sim.

Contudo, ninguém pediu batatas fritas antes de chegar a minha vez. Olhei para as míseras sobras — algumas queimadas, outras dobradas e húmidas — e franzi a testa. Voltei-me para os outros membros do grupo de estudo que estavam na fila atrás de mim.

— Então, serei muito «utilitarista» se pedir estas batatas — brinquei. — Vou-me sacrificar e comer as batatas que restam, e depois vocês vão ficar com as boas.

Todavia, ninguém estava a prestar atenção e isso irritou-me, porque ficara com um prato cheio de batatas merdosas e ninguém se rira da minha piada filosófica.

Enquanto o Mike e os outros pediam as estaladiças batatas fritas do novo tabuleiro, eu dirigi-me para a mesa ao canto onde sempre nos sentávamos. O ar estava abafado e cheirava a sanduíches de ovo. A luz do sol entrava pelas enormes janelas de vidro, aquecendo-me as bochechas e intensificando o fedor a sandes de ovo. O grupo era composto por sete pessoas — a Jane, o Joel (o namorado dela), outros quatro tipos e eu. Naquele dia era o Mike quem iria orientar o grupo. Eu tinha-o beijado uma vez quando estava bêbeda e demasiado animada com as cinco notas máximas que conseguira nos exames desse ano e ele ainda não me tinha perdoado por não ter levado a coisa mais longe.

Antes de começar a falar, o Mike lançou-me, do outro extremo da mesa, o seu costumeiro olhar carregado de maldade.

— OK, malta, falei com o professor Henry e ele garantiu-me que a deontologia e o utilitarismo vão sair no exame...

As palavras dele misturaram-se com o barulho de fundo enquanto eu pegava numa batata fria e as recordações da manhã voltavam a rodopiar-me na cabeça. A discussão com os meus pais tinha sido HORRÍVEL. O meu pai ainda não tinha superado o facto de eu ter desistido da quinta disciplina das que mais contavam para o acesso à universidade, embora eu só precisasse de quatro para entrar em Cambridge. E, naquela manhã, tentara uma vez mais fazer-me mudar de ideias — embora já quase levássemos um mês de aulas. Como sempre, a minha mãe oscilava nervosamente entre nós, numa tentativa falhada de manter a paz.

— Tens de pensar nas tuas prioridades — dissera o meu pai. Era sempre ele que começava aquelas discussões. — Esta é a tua única oportunidade, Charlotte.

— Eu sei que o Clube das Solteironas é muito importante para ti, querida — interveio a minha mãe. — E estamos muito orgulhosos..., mas não achas que era melhor usares esse tempo para fazeres uma quinta disciplina de nível avançado, pelo sim pelo não?

No ano anterior, a Evie, a minha outra melhor amiga, a Amber e eu tínhamos formado um grupo de debate feminista chamado Clube das Solteironas, que não demorara a ganhar fama. A escola transformara-o num clube de verdade — o FemSoc — que dirigíamos as três juntas. Era algo que me deixava profundamente feliz, mas o meu pai não estava assim tão satisfeito.

— Escuta, Charlotte — acrescentou ele —, não te preocupa o aspeto que terá esse grupo feminista na tua candidatura à universidade? Quero dizer, não é a mais... tradicional das atividades extracurriculares. A tua escola não tem um grupo de debate ou qualquer coisa assim? Isso é um pouco mais Cambridge...

O meu pai era um hipócrita! Clamava *vamos salvar o mundo* e *somos todos iguais* desde que isso não se misturasse com as aspirações que tinha para a única filha. Nesse caso, a sua obsessão com O Prestígio e a Importância da Educação transformava-o no paradigma dos dois pesos e duas medidas. E a minha mãe, enfim... passava metade do tempo a cantar ou a dizer o que pensava que devia dizer para pararmos de discutir.

Abanei a cabeça, obrigando-me a regressar ao presente e a escutar a voz monótona do Mike que continuava com a sua preleção...

— OK, no meu entender, o utilitarismo tem que ver com um bem maior...

Ele era tão idiota... Já tínhamos passado por tudo aquilo, tipo, no primeiro dia daquele módulo. Detestava que não me deixassem dirigir

o grupo de estudo, mas todos ocupávamos essa posição à vez. Que diabo me levara a beijá-lo?

— Assim, se aplicarmos esta teoria do utilitarismo a...

Blá-blá-blá... O meu cérebro desligou novamente e observei a Jane a brincar com a sua madeixa cor-de-rosa.

Aqueles tipos das obras... a maneira como tinham olhado para mim...

Passara a manhã a discutir com os meus pais sobre feminismo e, ao sair de casa, tropeçara num motivo mais do que evidente da *urgência* do feminismo.

Não devia ter ficado calada depois dos insultos.

Os seus olhares babosos...

Estremeci. Foi tão notório que a Jane me fez um pequeno sorriso que dizia *também estou entediada*.

Devolvi o sorriso e virei a minha atenção para um grupo de alunos que estava junto da velha jukebox da escola, tentando meter uma moeda, dando risadinhas pelo meio.

Após uma pausa a primeira canção ecoou pelas colunas da cantina. Um murmúrio de gargalhadas propagou-se pelas mesas.

Tinham escolhido *Let's Get It On* do Marvin Gaye. Pôr constantemente aquele tema a tocar na jukebox estava a tornar-se uma piada generalizada entre os alunos.

— E, bom, se nos fixarmos nas perguntas do exame do ano passado... — O Mike tentava continuar por cima dos gritinhos do Marvin, mas não estava a ter grande sucesso. O Joel já se tinha virado para a Jane e começado a sua própria serenata exagerada. O seu rabo de cavalo oscilava ao mesmo tempo que ele movia os lábios de maneira histriónica, acompanhando a letra. A Jane agitava os ombros... até a minha caneta batia ao ritmo da melodia. Relaxei com aquela música pirosa até que o Mike disse em voz bem alta...

— Um modo fácil de entender o utilitarismo é pensar nas batatas fritas da cantina.

Deixei cair a caneta e, quando voltei a aparecer, depois de me ter dobrado para a apanhar, o Mike apontava para o meu prato.

— Então, a Lottie sacrificou uma bela porção de batatas fritas ao pedir as que sobravam no tabuleiro, sabendo que nós, atrás dela na fila, iríamos comer batatas melhores. Um exemplo perfeito do utilitarismo, certo? — Sorriu a todos, convidando-os a rirem com o seu raciocínio... e eles assim fizeram.

Todos sorriam ao mesmo tempo que assentiam. Abanei a cabeça, demasiado estupefacta para dizer fosse o que fosse.

— É uma excelente observação, Mike.

— Sim, nunca pensei que pudesse ser assim tão simples. Mas tens razão.

— Lamento pelas tuas batatas, Lottie. — O Joel fez-me continência, como se fosse um soldado. E riram todos uma vez mais.

Olhei para a Jane, para ver se ela tinha reparado. Ela encolheu os ombros e revirou os olhos depois de olhar para o Mike, o que confirmou a minha indignação.

Não ri. Não assenti. Não concordei com os outros.

Não podia acreditar.

Aquele era o *meu* comentário. E a *minha* piada!

E, com todo o descaramento do mundo, o Mike tinha-se apoderado dele como se tivesse saído da sua cabeça.

E o pior era que estavam todos a prestar-lhe atenção.

Porque fora o Mike a dizê-lo.

Não eu...

O Mike.

E a única razão que me ocorria para que aquele comentário fosse melhor naquele momento do que quando eu o fizera radicava no facto de... o Mike... ser um rapaz.



três

Quando a campainha tocou no final do dia, eu estava capaz de trepar pelas paredes. Passara a hora do almoço a tentar fazer todas as leituras adicionais de que precisava para conseguir nota máxima a Literatura Inglesa. Sozinha, deixei que a imundície purulenta daquilo que acontecera naquela manhã penetrasse em todo o meu ser.

Senti uma mistura de entorpecimento, fúria e impotência.

Não creio que isso seja sequer psicologicamente possível.

Porque teriam prestado mais atenção à MINHA observação depois de esta ter sido enunciada pelo Mike?

Porque não tinha eu feito frente àqueles nojentos tipos das obras?

Porque continuava a acontecer aquele tipo de coisas?

Tudo o que desejava era ir para casa e fazer *reset*, mas tínhamos uma reunião do FemSoc. Esta seria presidida pela Evie e eu sabia quão nervosa ela estava por ter de falar em público. Tinha de ir para lhe dar apoio moral. Reuni os livros e dirigi-me para a sala de reuniões no pavilhão de Arte e Fotografia. O meu telefone apitou com outra mensagem da minha mãe. «Pedimos desculpa», dizia. Ela não suportava que discutíssemos. Não estava no seu «ethos» ter «energia negativa» com ninguém.

Palavras dela... não minhas. Não minhas, *mesmo*.

Nem sequer sabia qual era o tema da reunião de hoje. Não tive tempo para ver a ordem de trabalhos que a Evie me enviara por e-mail na noite anterior. Não esperávamos que o FemSoc tivesse tanto êxito. No verão anterior tínhamos feito uma campanha para que retirassem uma canção ofensiva da jukebox da escola. Ganhámos, o que foi fantástico. Claro que metade da escola nos odiava por causa disso, o que já não era assim tão fantástico. No entanto, muitas raparigas mostraram-se interessadas em juntar-se a nós e o clube já tinha mais de vinte membros. Neste semestre ainda só tínhamos organizado duas reuniões, mas apareciam cada vez mais raparigas. Além disso, a Evie, a Amber e eu ainda continuávamos com os nossos encontros privados do Clube das Solteironas fora da escola, para passarmos algum tempo juntas, só nós as três.

É impossível dividir irmãmente snacks de queijo com mais de vinte pessoas.

Empurrei a pesada porta dupla e, ao entrar, fiquei atordoada com o burburinho das conversas de todas as raparigas ali reunidas. Algumas acenaram-me quando me dirigi para o meu lugar e eu acenei debilmente de volta, quase incapaz de reunir a energia suficiente para devolver o cumprimento. As minhas emoções continuavam à flor da pele e às voltas como um remoinho nas minhas entranhas. O pior de tudo era que me sentia tão... *argh*... mas, a sério... o que acontecera que fosse assim *tão* extraordinário?

A Evie estava uma pilha de nervos, e a sua cabeleira loira habitualmente lisa e brilhante estava desgrenhada de tanto lhe passar a mão. A Amber murmurava-lhe palavras tranquilizadoras com o braço por cima dos ombros dela.

Obriguei-me a sorrir para não as preocupar. Não queria estragar o grande momento da Evie. Lancei a mala para a cadeira ao lado dela.

— Como está a tensão arterial? — perguntei.

A Evie inspirou ruidosamente.

— Porque é que decidimos transformar isto num clube público?

A Amber estreitou-a ainda mais com o braço.

— Porque ficará bem nas nossas candidaturas à universidade? — brincou ela.

Abanei a cabeça.

— Não segundo o meu pai. — Num gesto de solidariedade, a Evie e a Amber fizeram uma expressão de infelicidade. Quer uma quer outra já tinha desempenhado o papel de conselheira depois das muitas discussões que eu tivera com o meu pai sobre aquele tema. — E, seja como for, o clube é público porque queremos salvar o mundo. E não podemos fazer isso encafuadas no quarto demasiado arrumado da Evie, a comer tostas de queijo e a pregar entre nós.

— Para de ser tão sensata. — A Evie percorreu a multidão com o olhar. — Sabes que isso comigo não resulta.

Sorri com tristeza. Claro que sabia... A Evie sofre de TOC, embora tenha a doença bem controlada, por agora. Todavia, o ano passado, antes de a Amber e eu sabermos que ela padecia desse transtorno, ela estivera bastante mal. Senti-me culpada por lhe ter pedido que presidisse à reunião. Às vezes era difícil ser amiga da Evie. Uma pessoa tinha de saber manter um equilíbrio precário entre não a pressionar demasiado para fazer coisas que a assustavam porque a faziam sentir-se mal consigo própria e saber que, de vez em quando, um empurrãozito nesse sentido podia ajudá-la a crescer.

Rodeei-a com um braço, e ficámos as três agarradas umas às outras.

— Vais arrasar. Sabes disso, certo?

Ela sorriu.

— Ainda não acredito que vais deixar outra pessoa falar.

— Ei — protestei, enquanto a Amber e ela se partiam a rir. — Não sou assim tão má... Esperem lá... sim, sou mesmo assim tão má.

— Tinha a reputação de ser bastante... hum... tagarela. Embora naquele dia a única coisa que me apetecesse fazer fosse sentar-me quieta a um canto e matutar. O meu humor tinha ido de mal a pior.

As últimas raparigas entraram, ocuparam os seus lugares e, presentindo que a reunião estava prestes a começar, fizeram silêncio. Tirei o bloco de notas e comecei a morder a ponta da caneta.

A Evie remexeu nuns papéis e pôs-se de pé. A Amber arrastou a cadeira para junto da minha.

— Achas que ela vai ficar bem? — sussurrou. — Apanhei-a a lavar as mãos antes da reunião...

O nó de culpa apertou-se um pouco mais.

— Acho que sim — respondi, embora não estivesse totalmente convencida disso. — Ela às vezes ainda faz isso. Desde que não seja a toda a hora, acho que não faz mal.

— Leste a ordem de trabalhos?

Abanei a cabeça.

— Não tive tempo.

A Amber aproximou-se mais e uma madeixa do seu cabelo ruivo e frisado fez-me cócegas na cara.

— E por falar em estar bem, *tu* estás bem? — perguntou ela. — Sentimos a tua falta ao almoço. E, bom, pareces aborrecida com qualquer coisa.

Suspirei e abri a boca para lhe contar tudo, mas naquele preciso instante a Evie tossicou para dar início à reunião.

— Olá a todas. — A voz dela soou demasiado aguda por causa dos nervos. Tossiu e recomeçou. — Olá a todas.

Todas as raparigas, sentadas em filas à nossa frente, calaram-se em sinal de respeito.

— Obrigada por terem vindo. — As mãos da Evie tremiam, porém, a sua voz ganhava força a cada palavra. — Bom, na última reunião decidimos que queríamos fazer campanha a favor de algo. Vocês

propuseram algumas ideias e pensei que hoje podíamos revê-las, tentar chegar a uma lista mais curta e depois submetê-la a votação. Há aqui muito para digerir... Será que alguém na última fila poderia apagar as luzes, por favor?

Uma das raparigas aproximou-se rapidamente do interruptor e apagou as luzes. A sala mergulhou na escuridão. A Evie abriu o seu computador portátil e o monitor iluminou-se.

— Organização é com a Evie — sussurrou a Amber ao meu ouvido. — Aposto dez libras contigo em como ela vai sacar de um ponteiro especial. Sorri na escuridão.

— Quando presidi à última reunião, a única preparação que fiz foi cantar *Eye of the Tiger* para mim própria diante do espelho — sussurrei de volta.

— Pensa no que poderia acontecer se combinássemos o ponteiro com essa canção. Acho que acabaste de descobrir uma excelente estratégia para dominarmos o mundo.

Começámos a rir no preciso instante em que a Evie apontou para a tela atrás de si.

— OK, aqui está a primeira entrada. É uma proposta da Sonia. — A Sonia, uma rapariga baixinha com uma melena loira incrivelmente comprida, assentiu e esboçou um sorriso. — É um novo anúncio a um *aftershave* contra o qual a Sonia acredita que devíamos fazer campanha. Um segundo... — A Evie alcançou o rato e clicou para reproduzir o vídeo. — Muito bem, aqui está. — Apontou com a pega do guarda-chuva que era quase um ponteiro. Teria soltado uma risadinha se o anúncio não fosse tão perturbador.

Uma música intensa soou bem alto enquanto uma rapariga e um rapaz, ambos muito atraentes, rebojavam numa cama com uma parede de tijolo em fundo. Depois o rapaz começou a prender-lhe os braços ao mesmo tempo que a beijava com mais agressividade. A jovem ria, mas tentava afastá-lo. O meu ritmo cardíaco já tinha acelerado e sentia

as tripas às voltas. Aquilo não era bom... não era nada bom. Em seguida, o rapaz levava a mão ao bolso das calças de ganga e tirava uma embalagem do *aftershave*, borrifava-se com ele e a rapariga deixava de resistir e começava a ofegar e a gemer enquanto o tipo lhe beijava o pescoço. O anúncio terminava pouco depois.

Instalou-se um silêncio aturdido, interrompido apenas por um tossicar enquanto a sala assimilava aquilo que tínhamos acabado de ver.

— Hum, Sonia? — perguntou a Evie. — Importas-te de te levantar e nos explicar porque achas que podemos usar isto como ponto de partida para uma campanha?

Ela assentiu e levantou-se, metendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— Sim, pois... vi isto na televisão ontem à noite e, bom, penso que estamos todas de acordo que é preocupante. Quero dizer, isto normaliza o uso da força nas relações sexuais, chegando mesmo a romantizar o abuso e a violação...

E foi tudo o que ouvi antes de ver a Megan, uma das novas associadas, levantar-se em silêncio e sair da sala quase a correr. Tinha a cara toda vermelha e contraída, como se tentasse não chorar.

Também me pus de pé. Quase ninguém dera conta da sua saída, pois estavam concentradas a ouvir a Sonia.

— De certeza que todas sabem que, segundo as estatísticas, é mais provável que uma rapariga seja violada por alguém que conhece, como um atual ou um antigo namorado. Este anúncio está praticamente a fomentar isso. Está basicamente a dizer, «Compra o nosso *aftershave* e ele irá ajudar-te a abusar da tua namorada. E ela nem sequer se irá importar! Vai gostar que a imobilizes!».

A Evie, no entanto, dera-se conta e acenou-me com a cabeça em silêncio, encorajando-me a ir procurar a Megan. Assim, levantei-me e saí para o corredor, olhando para ambos os lados para tentar perceber para onde ela tinha ido.

Encontrei-a na casa de banho das senhoras a lavar as mãos e a chorar.

— Oh, olá, Lottie — disse, como se nada se tivesse passado. Tinha as mãos a tremer e as lágrimas a escorrer pelas bochechas. Endireitou-se e apressou-se a enxugar as provas da sua angústia.

— Ei. Só queria ver se estavas bem.

Não conhecia muito bem a Megan. É horrível, mas conhecia-a mais como a «namorada do Max». Passara grande parte do último ano a sair com este Max, que fazia parte de uma banda que conhecíamos, The Imposters. A Megan frequentava a aula de Arte comigo e com a Amber, mas quase nunca abria a boca. O Max e ela pareciam muito apaixonados; era raro vê-los separados. Por isso, ficámos surpreendidas quando ele acabou tudo com ela durante o verão. E ainda mais espantadas quando ela se juntou ao FemSoc, já que nunca tinha mostrado interesse pelo nosso clube.

A Megan continuava com as mãos debaixo de água, embora já tivesse tirado todo o sabonete. O cabelo escuro tapava-lhe a cara.

Aproximei-me e vi que toda ela tremia, não apenas as mãos.

— Estou bem.

— Megan? — Aproximei-me um pouco mais. — Houve alguma coisa na reunião que te incomodou? O anúncio?

Ela endireitou as costas e olhou-me nos olhos. Tinha as bochechas manchadas e as pestanas coladas por causa do rímel molhado. Fechou a torneira e abanou ligeiramente a cabeça.

— Estou bem... estou bem... É só... bom... aquele anúncio... O Max... Fez-me recordar uma coisa. — A voz dela embargou-se ao gaguejar a palavra «Max». — Ele... ele... — Calou-se, tremendo ainda mais.

O quê?!

— Megan, o Max fez alguma...

— Desculpa, não queria armar confusão — interrompeu ela de súbito. A sua voz voltara a recuperar a força. — Deve estar para me vir o período.

Puxou uma toalha de papel do dispensador, secou a cara e as mãos e lançou-a para o caixote do lixo, onde embateu no rebordo e caiu ao chão. O que estava ela a dizer? O que lhe tinha acontecido?

— Megan? Lamento que a reunião tenha despertado algo... algo que aconteceu entre ti e o Max?

A Megan abanou a cabeça.

— Não. Não aconteceu nada. Estou bem. Estou bem. — Deve ter visto o ceticismo na minha expressão, pois acrescentou. — A sério!

— Megan? — Dei-me conta de que só era capaz de repetir o nome dela. — Podes contar-me...

— Nunca ninguém acreditará em mim — disse ela, quase com os seus botões. Depois encarou-me e sorriu. Sorriu de verdade. — Sou capaz de não assistir ao resto da reunião, se não te importares — disse, como se precisasse da minha autorização. — Vemo-nos amanhã na aula de Arte?

E, sem me dar hipótese de a deter, ou dizer o que quer que fosse, ou abraçá-la, ou fazer outra coisa que não fosse ficar ali a sentir-me mal e confusa, ela saiu tranquilamente da casa de banho, deixando atrás dela o doce odor a maçã do sabonete da escola.



quatro

A reunião do FemSoc estava quase a terminar quando regresssei à sala. Tinha ficado algum tempo sentada numa das sanitas, com a cara nas mãos, tentando assimilar o que acabara de acontecer.

A Evie estava a resumir a sessão enquanto a Amber anotava as ideias das participantes no quadro branco.

— Obrigada pelas vossas fantásticas ideias — disse a Evie. — Parece-me que balizámos o que queremos fazer. Na reunião da próxima semana podemos rever esta lista mais curta e votar. Estou muito animada, malta.

Puseram-se todas a conversar e a rir e no ar fluía uma efervescência plena de boas ideias.

Fiquei de pé, incapaz de participar. A Amber reparou em mim do outro lado da sala e articulou em silêncio, «Estás bem?». Eu fiz que sim com a cabeça e depois fiz que não. A Amber levantou a mão como que a dizer «Dá-me um minuto» e eu mostrei-lhe um pequeno sorriso. Uma parte de mim sentia-se partida. Ao longo do dia, tinham aparecido pequenas fraturas dentro de mim e aquela reunião e a Megan tinham-nas subitamente transformado em abismos.

Em circunstâncias normais teria sido eu a falar mais alto, teria sido eu a mais animada e aquela que contagiava todos com a minha animação. Mas naquele dia só conseguia pensar nas mãos da Megan a tremer. Na forma como a voz dela hesitara no nome do ex-namorado. Nos dois tipos da carrinha e no modo como tinham olhado para mim, e na minha inação. E não parava de pensar que, mesmo que lhes tivesse feito frente, também não teria servido de nada.

Nada teria feito a diferença.

Não com pessoas como eles...

Por isso, de que servia?

A Evie sentou-se na mesa quando as pessoas ali reunidas começaram a sair em fila e eu aproveitei para a abraçar.

— Foste fantástica — consegui dizer.

— A sério? Ainda tenho as mãos a tremer.

— A sério. Foste genial. És uma excelente oradora, podias dedicar-te à política ou a qualquer coisa assim.

Ela pôs fim ao abraço e sorriu-me com um ar preocupado. Era óbvio que via qualquer coisa na minha cara.

— Pensava que eras tu que querias ser primeira-ministra. — Saiu-me uma gargalhada estranha que não reconheci. — Lottie, estás...?

Antes de a Evie terminar a frase, a Amber aproximou-se a torcer as mãos.

— Lotts, que se passa? A Megan foi-se embora porquê? Preparava-me para a seguir, mas vi que ias tu.

Soltei um suspiro profundo, sem saber muito bem o que dizer.

— Ela estava a chorar na casa de banho — comecei. — Acho que o anúncio lhe tocou fundo. Ela mencionou o Max. Sabem? O ex-namorado, que estava na banda do Ethan? Ela... — Inspirei, sentindo que as palavras da Megan me cortavam as entranhas como cacos de vidro. — Ela não foi clara, mas deu a entender que...

— Continua — incitou a Amber com os olhos colados em mim.

— Bom, ela insinuou que talvez o Max lhe tivesse feito qualquer coisa... sexualmente... Quero dizer, penso que era isso que ela estava a insinuar. Ela não foi explícita. Mas tremia... Acho que o anúncio despertou qualquer coisa...

Os olhos da Evie encheram-se de lágrimas.

— Raios partam! Sou tão estúpida! Não me lembrei de avisar sobre o que versava o anúncio... Sou tão idiota! — Deu um murro na mesa e o ruído ecoou pela sala.

Eu estava a tentar pensar em tudo o que sabia acerca da Megan e do Max. Sempre me tinham parecido felizes... embora me parecesse estranho que ela o seguisse para todo o lado e mal abrisse a boca. Andavam sempre de mão dada. Ela usava a camisola de capuz dele a toda a hora. E o Max... parecia simpático... Tocava guitarra com um rapaz que conhecíamos, o Ethan. Sorria a toda a gente. Uma vez participou na Batalha das Bandas da nossa escola e dedicara-lhe uma canção. Toda a gente ficara surpreendida quando ele acabou com ela no verão... Quero dizer... foi *ele* quem acabou tudo com ela... Mas agora a Megan dava a entender que ele lhe tinha feito uma coisa horrível... Bom, não dava a entender exatamente... Não conseguira ficar na sala quando a Evie passara o anúncio. Era eu que deduzia. Mas também tinha uma terrível suspeita que não podia ignorar — pela maneira como a Megan saía da reunião a correr e pelo modo como pronunciara o nome do ex-namorado — que ele lhe tinha feito... qualquer coisa.

— Somos todas novatas nisto, Evie. Também não me ocorreu avisar ninguém. E não temos a certeza de que tenha acontecido algo entre o Max e a Megan. — A Amber apertou o ombro da Evie.

— Aconteceu — insisti, embora estivesse praticamente a dizê-lo com os meus botões. — Ele deve ter feito algo. Se vissem como ela tremia... E disse «nunca ninguém acreditará em mim». Isso tem de significar o que penso, certo?

A Amber pestanejou umas quantas vezes e abanou a cabeça como se estivesse a tentar afastar as minhas palavras.

— Bom, não temos a certeza, mas, sim, aprendemos que para a próxima, se vamos falar de maus-tratos nas nossas reuniões, temos de avisar as pessoas.

A minha mente recuou até àquela manhã... até àqueles homens. Não me esquecia do modo como tinham claramente sentido que podiam fazer aquilo. Como tinham achado que o meu corpo lhes pertencia ao ponto de poderem tecer aqueles comentários.

E embora parecesse uma coisa de nada em comparação com tudo o resto, pensei no Mike e no modo como ele roubara a minha observação. Quiçá nem se tivesse dado conta de que era minha. Mas, apesar de tudo, conseguira mais reconhecimento. Era insignificante? Ou coisas assim também levavam a que acontecessem coisas más? Estaria tudo ligado? Seria possível que todos esses pequenos momentos horríveis em que as raparigas eram tratadas como se fossem uma merda criassem de algum modo uma sociedade em que grandes momentos horríveis podiam acontecer, como aquilo que levava a voz da Megan a tremer na casa de banho da escola?

Fechei os olhos e pressionei-os com os polegares, sentindo algum alívio com aquele gesto.

— Lottie?

Céus, se as minhas suposições estivessem certas, não conseguia sequer imaginar como a Megan se sentiria. E sem poder dizer nada. Deixando que toda a gente continuasse a pensar que o Max era só um tipo simpático que fazia parte de uma banda. Comecei a sentir um batuque na cabeça, como se tivesse um macaco em miniatura lá dentro a bater-me nas paredes do cérebro com um martelo.

— LOTTIE?

Levantei a cabeça.

— Merda! Lottie, que se passa. Estás a chorar?

Estava? Olhei para as mãos... estavam molhadas. Toquei na cara. Estava encharcada em lágrimas. Deixei escapar um soluço. Soluço esse que nem sequer sabia que estivera a conter.

— Lottie? Que se passa? — indagou a Amber. Tanto ela como a Evie entraram imediatamente no modo amigas compreensivas, abraçando-me, apoiando-me, fazendo perguntas e inundando-me com o seu carinho. A amabilidade no olhar da Evie e a força do abraço da Amber eram todo o escape de que necessitava.

Chorei.

Produzi ranho. E mais ranho.

— Eu... eu... devia ter dito alguma coisa... Devia ter feito frente aos tipos das obras... — gaguejei enquanto os meus ombros subiam e desciam. — E... não estava sequer de mini... saia... e a Megan... e a Megan... e a merda do anúncio... a MERDA DO ANÚNCIO.

A Evie imprimira o cartaz que acompanhava o anúncio. Eu levantei-o da mesa e tentei rasgá-lo em dois. Mas a Evie, sendo quem era, tinha-o plastificado. Por isso, tudo o que consegui fazer foi amarrotá-lo ligeiramente e magoar a mão.

— Estão a ver?! — gritei. — Isto representa TUDO aquilo porque choro... Tento rasgar a MERDA DO ANÚNCIO e sou EU que acabo magoada... É inútil. Lutar... tentar... É TOTALMENTE INÚTIL, MERDA... a menos... a menos... que se lute contra tudo. E quem tem energia para isso?

— Calma, Lottie. Está tudo bem. Mas que tipos das obras? Vai tudo ficar bem — disse a Amber.

Levantei a cabeça nesse momento e reparei que ela fazia uns movimentos oculares desesperados dirigidos à Evie. Eu não costumava ser a mais emotiva do grupo. Creio que elas estavam chocadas.

— A Amber tem razão — disse a Evie num tom tranquilizador. — Deixa sair tudo.

Deixaram-me desabafar aos gritos. Porque sabiam que era disso que eu precisava. Porque são pessoas fantásticas.

Minhas irmãs, sem o serem.

A minha família, sem o ser.

A minha escolha, as minhas amigas.

Esperaram até eu ter terminado. Até a minha camisola de renda estar cheia de ranho.

Às tantas, a Evie disse as palavras que eu necessitava de ouvir.

— Isto exige snacks de queijo. Vamos para minha casa?

Ninguém disse que lutar contra o patriarcado era fácil...

Depois de ser assediada a caminho da escola, a Lottie decide começar uma experiência feminista: durante um mês, ela vai denunciar todas as atitudes sexistas que presenciar.

Determinada a mudar o mundo, a Lottie não se deixa vencer pelas ameaças, críticas ou obstáculos que lhe aparecem à frente. Mas as suas melhores amigas, a Evie e a Amber, estão preocupadas. E se a Lottie acabar a ter um *burnout*... ou pior ainda?

A voz revolucionária de Holly Bourne numa história sobre as pequenas agressões que todas as mulheres enfrentam, o cansaço que resulta de lutar contra as desigualdades e a coragem que é necessária para fazer o que é preciso... e não o que é fácil!



Continua a lutar contra o patriarcado:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789896235741



9 789896 235741 >